



Revista dos Encontros Literários Moreira Campos

Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Ano 1 – N.º 1 – Abril-Julho de 2008

<http://encontrosliterarios.ufc.br>

A CRIAÇÃO DO MUNDO E DO HOMEM, SEGUNDO O *POPOL VUH* – O LIVRO SAGRADO DOS MAIAS-QUICHÉS DA GUATEMALA.

Rubenita Alves Moreira

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a apresentação da criação do mundo e do homem sob a ótica dos quichés, tomando-se como base o *Popol Vuh*, importante obra da literatura pré-colombiana. Faremos inicialmente uma breve retomada histórica, através de comentários sobre as civilizações mesoamericanas, as conquistas espanholas, a rica cultura maia e o histórico da obra sob análise.

PALAVRAS-CHAVE: *Popol Vuh*, quichés, criação.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objeto la presentación de la creación del mundo y del hombre bajo la óptica de los quichés, a través de *Popol Vuh*, importante obra de la literatura precolombina. Haremos inicialmente una breve retomada histórica, haciendo un comentario sobre las civilizaciones mesoamericanas, las conquistas españolas, la rica cultura maya y el histórico de la obra en análisis.

PALABRAS-LLAVE: *Popol Vuh*, quichés, creación.

No dia 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo chega a uma ilha das Bahamas, a qual denomina San Salvador. Catorze dias depois, está em Cuba. Em anos seguintes, os conquistadores espanhóis estiveram em outros países, como México (1519) e Peru

(1532). De 1519 a 1550, haviam conquistado aproximadamente vinte e quatro milhões de quilômetros quadrados de terra, habitada por povos com diferentes culturas.

Ao desembarcarem no continente americano, os colonos espanhóis encontraram o seguinte cenário: a civilização chibcha, dos povos da Costa Rica, do istmo de Panamá e do Planalto de Bogotá; a civilização dos calchaquis, no extremo dos Andes; a civilização comum aos povos centro-americanos e antilhanos, florescente em El Salvador (São Salvador) e na Nicarágua. Também encontraram as civilizações asteca, no México; inca, no Peru, e maia, cujo território abrangia quase toda a Guatemala, cinco províncias mexicanas, parte de El Salvador e de Honduras (cf. CARVALHO, 1968, p. 31 e GENDROP, 2005, pp. 21-22). Os quichés, ramos dos maias, viviam na Guatemala e em parte de Honduras (cf. CARVALHO, *op. cit.*).

Os maias-quichés da Guatemala haviam criado uma civilização muito avançada. Profundos conhecedores de Matemática, inventaram um sistema de numeração tri-numeral e vigesimal, que permitia escrever quantidades infinitesimais. Nele havia, inclusive, uma equivalência para o zero, com o significado de ausência de valor. Impressionantes foram seus conhecimentos astronômicos: encontraram a rotação do planeta Vênus em sua órbita com um erro de apenas 14 segundos e representaram em códices pictográficos tabelas de eclipses e os signos zodiacais. Não podemos deixar de citar seus quatro famosos calendários: dois que formavam a Roda Calendária (*Tzolkin*, calendário ritual de 260 dias, e *Haab*, calendário civil de 360 dias) e dois para uso exclusivamente científico (cf. GENDROP, *op. cit.*, pp. 36-41 e orelhas).

Interessa-nos falar, todavia, de uma outra invenção dos maias-quichés: seu sistema pictográfico de escrita. Através desse sistema de escrita e da tradição oral os maias-quichés transmitiram tanto sua visão religiosa do mundo, quanto a poesia, a história e a ciência do calendário.

Segundo BELLINI (1997, p.26), esse método não era fácil. Para seu aprendizado, “existían escuelas especializadas en las que, tras un largo ejercicio de la memoria, algunos individuos, seleccionados por su inteligencia, aprendían los textos para su transmisión y también la interpretación de la pictografía”.¹ Acredita-se que o *Popol Vuh* tenha sido escrito nesse sistema pictográfico.

Em 1524, os conquistadores comandados por Pedro de Alvarado chegaram à Guatemala. Com eles vieram vários sacerdotes que, pensando em converter os índios ao cristianismo, destruíram tudo o que pudesse ter algum tipo de relação com as religiões

¹ “existiam escolas especializadas nas quais, depois de um longo exercício de memória, alguns indivíduos, selecionados por sua inteligência, aprendiam os textos para sua transmissão e também a interpretação da pictografia”. [Tradução nossa]

pré-colombianas. Inúmeros códices foram destruídos; conseqüentemente, são poucos os livros escritos em hieróglifos que chegaram até nossos dias.

É certo que muitos desses códices se desfizeram antes mesmo da chegada dos espanhóis, já que em vários deles foi utilizada a fibra de *magüey* (agave semelhante ao sisal) e, portanto, dificilmente sobreviveriam à inclemência do tempo e do clima. No entanto, a ação dos conquistadores foi tão intensa que, dos tantos códices maias então existentes, restam somente três:



Codex Tro-Cortesianus, no Museu da América, de Madri. A imagem corresponde à página 34 do referido codex. Sítio da imagem: <http://www.famsi.org/research/graz/madrid/index.html>



*Codex Dresdensis, na Biblioteca Real de Dresden. A imagem corresponde à página 60 do referido codex.
 Sítio da imagem: <http://www.famsi.org/research/graz/dresdensis/index.html>*



*Codex Peresianus, na Biblioteca Nacional de Paris. A imagem corresponde à página 22 do citado codex.
 Sítio da imagem: <http://www.famsi.org/research/graz/paris/index.html>*

Foi por determinação do frei Diego de Landa que tantos códices pictográficos foram queimados². É provável que o original pictográfico do *Popol Vuh*, cujo título significa “Livro da Comunidade” ou “Livro do Conselho” (*Pop* = comunidade, conselho; *Vuh* = livro), tenha sido destruído no incêndio de Uxatlán, a capital do território quiché, atualmente denominada Santa Cruz del Quiché. O certo é que os aborígenes sabiam de cor toda a narrativa do “livro da comunidade” e, assim, foi possível sua reescrita, feita por autor anônimo, em caracteres latinos, provavelmente entre os anos 1554 e 1558.³

O manuscrito do livro *Popol-Vuh* foi encontrado na localidade de Chichicastenango, em 1701, pelo padre da Ordem Dominicana Francisco Ximénez, um apaixonado da língua quiché. Ximénez o transcreveu e posteriormente o traduziu para o Espanhol. Neste primeiro trabalho, fez uma tradução literal e, em coluna paralela, colocou uma transcrição do texto quiché. Isso, porém, não o satisfaz. Assim, produziu uma segunda versão, mais bem cuidada, e a incluiu na *Crónica de la Provincia de Chiapa y Guatemala* que, dos arquivos da Ordem Dominicana, passa em 1854 para o acervo da Biblioteca da Universidade de San Carlos Borromeo, na cidade de Guatemala, atual Antiga Guatemala.

Durante a existência do Pe. Ximénez, seu manuscrito não foi conhecido, fato que ocorrerá várias décadas depois. Em 1794, o italiano Felice Cabrera cita o referido texto em seu *Teatro crítico americano*. Em 1856, em Viena, Carl Scherzer o traduz para o alemão e o publica sob o título *Historia del origen de los indios de esta provincia de Guatemala*. Em 1861, o americanista Charles-Étienne Brasseur de Boubourg acrescenta ao texto quiché do padre dominicano uma tradução francesa e o publica sob o título *Popol Vuh, Le livre sacré et les mythes de l'antiquité américaine*.

O *Popol Vuh* apresenta a origem do mundo. Narra a criação das formas, da flora, da fauna e dos homens, descreve as diferentes famílias dos quichés, entre outras descrições e narrações. Fala sobre a origem aquática do mundo; da serpente emplumada,

² Isso é confirmado, paradoxalmente, pelo próprio bispo Diego de Landa que, em sua *Relação das coisas de Yucatán*, composta por volta de 1560, escreveu: “Usaban también esta gente de ciertos caracteres o letras con los cuales escribían en sus libros sus cosas antiguas y sus ciencias, y con estas figuras y algunas señales de las mismas, entendían sus cosas y las daban a entender y enseñaban” (“Usavam também de certos caracteres ou letras com os quais escreviam em seus livros suas coisas antigas e suas ciências, e com estas figuras e alguns sinais das mesmas, entendiam suas coisas e as davam a entender e ensinavam”) [Tradução nossa]. Cf.: BELLINI, 1997, p.39.

³ O mesmo ocorreu com vários outros códices. Segundo BELLINI, (1997, p. 39), depois da conquista espanhola, textos originais pictográficos e memorizados referentes à tradição e à ciência dos povos maias foram transcritos em caracteres latinos nas diferentes línguas da região. Acrescenta o historiador: “Así ocurrió con los varios libros del *Chilam Balam*, escrito en maya, y con el *Popol-Vuh*, escrito en quiché” (“Assim ocorreu com os vários livros do *Chilam Balam*, escrito em maia, e com o *Popol Vuh*, escrito em quiché”) [Tradução nossa].

uma divindade que havia flutuado sobre as águas das origens. Apresenta uma fusão de “elementos sagrados con los mitológicos, la historia con la leyenda, en una atmósfera de génesis que recuerda la Biblia e los Vedas, los libros sagrados de la humanidad”.⁴

O *Popol-Vuh* trata também da destruição havida com o dilúvio universal, meio utilizado pelos deuses para castigar suas criaturas. Essas passagens referentes ao dilúvio e ao castigo do homem têm “el tono trágico de la Biblia” (“o tom trágico da Bíblia”), comenta BELLINI (*op. cit.*, p. 44).

No prólogo o autor comenta que narrará as antigas histórias, o princípio e a origem de tudo o que ocorreu na cidade de Quiché e com as tribos da nação quiché.

O livro é composto de quatro partes: a primeira parte fala da criação do mundo e dos primeiros intentos de se criar o homem; a segunda fala das aventuras mitológicas dos deuses gêmeos Hunahpú e Ixbalanqué, grandes sábios, músicos e escritores, adivinhos de boa índole, que venceram às divindades do mal; a terceira parte trata da criação dos homens de milho; a quarta apresenta a genealogia dos primeiros homens feitos de milho, traz a história dos primeiros homens quichés, como eles foram multiplicando-se e formando os diferentes ramos das tribos.

Dessas partes, apresentamos trechos do primeiro capítulo da primeira parte e do primeiro capítulo da terceira parte.

Parte I, Capítulo I

Ésta es la relación de cómo todo estaba en suspenso, todo en calma, en silencio; todo inmóvil, callado, y vacía la extensión del cielo.

Ésta es la primera relación, el primer discurso. No había todavía un hombre, ni un animal, pájaros, peces, cangrejos, árboles, piedras, cuevas, barrancas, hierbas ni bosques: sólo el cielo existía.

No se manifestaba la faz de la tierra. Sólo estaban el mar en calma y el cielo en toda su extensión.

No había nada junto, que hiciera ruido, ni cosa alguna que se moviera, ni se agitara, ni hiciera ruido en el cielo.

No había nada que estuviera en pie; sólo el agua en reposo, el mar apacible, solo y tranquilo. No había nada dotado de existencia.

Solamente había inmovilidad y silencio en la oscuridad, en la noche. Sólo el Creador, el Formador, Tepeu, Gucumatz, los Progenitores, estaban en el agua rodeados de claridad. Estaban ocultos bajo plumas verdes y azules, por eso se les llama Gucumatz. De grandes sabios, de grandes pensadores es su naturaleza. De esta manera existía el cielo y también el Corazón del Cielo, que éste es el nombre de Dios. Así contaban.

⁴ “elementos sagrados com os mitológicos; a história com a lenda; numa atmosfera de gênese que recorda a Bíblia e os Vedas, os livros sagrados da humanidade” [Tradução nossa]. BELLINI, *Op.cit.*, p.43.

Llegó aquí entonces la palabra, vinieron juntos Tepeu y Gucumatz, en la oscuridad, en la noche, y hablaron entre sí Tepeu y Gucumatz. Hablaron, pues, consultando entre sí y meditando; se pusieron de acuerdo, juntaron sus palabras y su pensamiento.

Entonces se manifestó con claridad, mientras meditaban, que cuando amaneciera debía aparecer el hombre. Entonces dispusieron la creación y crecimiento de los árboles y los bejucos y el nacimiento de la vida y la creación del hombre. Se dispuso así en las tinieblas y en la noche por el Corazón del Cielo, que se llama *Huracán*.

El primero se llama *Caculhá Huracán*. El segundo es *Chipi-Caculhá*. El tercero es *Raxa-Caculhá*. Y estos tres son el Corazón del Cielo.

Entonces vinieron juntos Tepeu y Gucumatz; entonces conferenciaron sobre la vida y la claridad, cómo se hará para que aclare y amanezca, quién será el que produzca el alimento y el sustento.

— ¡Hágase así! ¡Que se llene el vacío! ¡Que esta agua se retire y desocupe [el espacio], que surja la tierra y que se afirme! Así dijeron. ¡Que aclare, que amanezca en el cielo y en la tierra! No habrá gloria ni grandeza en nuestra creación y formación hasta que exista la criatura humana, el hombre formado. Así dijeron.

Luego la tierra fue creada por ellos. Así fue en verdad como se hizo la creación de la tierra: — ¡Tierra!, dijeron, y al instante fue hecha⁵.

⁵Este é o relato de como tudo estava em suspenso, tudo estava calmo, em silêncio; tudo imóvel, calado, e vazia a extensão do céu.

Este é o primeiro relato, o primeiro discurso. Ainda não havia nenhum homem, nenhum animal, pássaros, peixes, caranguejos, árvores, pedras, cavernas, barrancos, ervas nem bosques: somente o céu existia.

Não se manifestava a face da terra. Somente estavam o mar em calma e o céu em toda sua extensão.

Não havia nada junto, que fizesse ruído, nem coisa alguma que se movesse, nem se agitasse, nem fizesse ruído no céu.

Não havia nada que estivesse em pé; somente a água em repouso, o mar quieto, só e tranquilo. Não havia nada dotado de existência.

Somente havia imobilidade e silêncio na escuridão, na noite. Só o Criador, o Formador, Tepeu, Gucumatz, os Progenitores, estavam na água rodeados de claridade. Estavam ocultos sob plumas verdes e azuis, por isso se lhes chama Gucumatz [Serpente Emplumada]. De grandes sábios, de grandes pensadores é sua natureza. Desta maneira existia o céu e também o Coração do Céu, que este é o nome de Deus e assim é como se chama.

Chegou aqui então a palavra, vieram juntos Tepeu e Gucumatz, na escuridão, na noite, e falaram entre si Tepeu e Gucumatz. Falaram, pois, consultando entre si e meditando; puseram-se de acordo, juntaram suas palavras e seu pensamento.

Então foi manifestado com clareza, enquanto meditavam, que, quando amanhecesse, devia aparecer o homem.

Então dispuseram a criação e crescimento das árvores e dos *bejucos* [plantas trepadeiras como o cipó] e o nascimento da vida e a criação do homem. Dispôs-se assim nas trevas e na noite pelo Coração do Céu, que se chama *Huracán* [Furacão; Mestre Gigante].

O primeiro se chama *Caculhá Huracán* [Mestre Gigante Relâmpago]. O segundo é *Chipi-Caculhá* [Raio, Sulco do Relâmpago]. O terceiro é *Raxa-Caculhá* [Esplendor do Relâmpago]. E estes três são o Coração do Céu.

Então vieram juntos Tepeu e Gucumatz; então conferenciaram sobre a vida e a claridade, como se fará para que clareie e amanheça, quem será o que produzirá o alimento e o sustento.

— Faça-se assim! Que se encha o vazio! Que esta água se retire e desocupe [o espaço], que surja a terra e que se firme — Assim disseram. — Que clareie! Que amanheça no céu e na terra! Não haverá glória nem grandeza em nossa criação e formação até que exista a criatura humana, o homem formado — Assim disseram.

Portanto a terra foi criada por eles. Assim foi na verdade como se fez a criação da terra: — Terra! — disseram, no mesmo instante foi feita. [Tradução nossa]

Parte III, Capítulo I

He aquí, pues, el principio de cuando se dispuso hacer al hombre, y cuando se buscó lo que debía entrar en la carne del hombre.

Y dijeron los Progenitores, los Creadores y Formadores, que se llaman Tepeu y Gucumatz: "Ha llegado el tiempo del amanecer, de que se termine la obra y que aparezcan los que nos han de sustentar y nutrir, los hijos esclarecidos, los vasallos civilizados; que aparezca el hombre, la humanidad, sobre la superficie de la tierra." Así dijeron.

Se juntaron, llegaron y celebraron consejo en la oscuridad y en la noche; luego buscaron y discutieron, y aquí reflexionaron y pensaron. De esta manera salieron a luz claramente sus decisiones y encontraron y descubrieron lo que debía entrar en la carne del hombre.

Poco faltaba para que el sol, la luna y las estrellas aparecieran sobre los Creadores y Formadores.

De *Paxil*, de *Cayalá*, así llamados, vinieron las mazorcas amarillas y las mazorcas blancas.

Éstos son los nombres de los animales que trajeron la comida: *Yac* [el gato de monte], *Utiú* [el coyote], *Quel* [una cotorra vulgarmente llamada chocoyo] y *Hoh* [el cuervo]. Estos cuatro animales les dieron la noticia de las mazorcas amarillas y las mazorcas blancas, les dijeron que fueran a Paxil y les enseñaron el camino de Paxil.

Y así encontraron la comida y ésta fue la que entró en la carne del hombre creado, del hombre formado; ésta fue su sangre, de ésta se hizo la sangre del hombre. Así entró el maíz [en la formación del hombre] por obra de los Progenitores.

Y de esta manera se llenaron de alegría, porque habían descubierto una hermosa tierra, llena de deleites, abundante en mazorcas amarillas y mazorcas blancas [...]. Abundancia de sabrosos alimentos había en aquel pueblo llamado de Paxil y Cayalá.

Había alimentos de todas clases, alimentos pequeños y grandes, plantas pequeñas y plantas grandes. Los animales enseñaron el camino. Y moliendo entonces las mazorcas amarillas y las mazorcas blancas, hizo Ixmucané nueve bebidas, y de este alimento provinieron la fuerza y la gordura y con él crearon los músculos y el vigor del hombre. Esto hicieron los Progenitores, Tepeu y Gucumatz, así llamados.

A continuación entraron en pláticas acerca de la creación y la formación de nuestra primera madre y padre. De maíz amarillo y de maíz blanco se hizo su carne; de masa de maíz se hicieron los brazos y las piernas del hombre. Únicamente masa de maíz entró en la carne de nuestros padres, los cuatro hombres que fueron creados⁶.

⁶ Eis aqui, pois, o princípio de quando se dispôs a fazer o homem, e quando se buscou o que devia entrar na carne do homem.

E disseram os Progenitores, os Criadores e Formadores, que se chamam Tepeu e Gucumatz: "Chegou o tempo do amanhecer, de que se termine a obra e que apareçam os que nos hão de sustentar e nutrir, os filhos esclarecidos, os vassallos civilizados; que apareça o homem, a humanidade, sobre a superfície da terra". Assim disseram.

Juntaram-se, chegaram e celebraram conselho na escuridão e na noite; logo buscaram e discutiram, e aqui refletiram e pensaram. Desta maneira saíram à luz claramente suas decisões e encontraram e descobriram o que devia entrar na carne do homem.

Pelo relato do *Popol Vuh*, os Progenitores criaram o homem para serem por ele adorados. Primeiramente, fizeram-no de barro, mas viram rapidamente que o homem amolecia dentro d'água e não podia andar nem multiplicar-se, pois a carne, feita de lodo, se desfazia.

Após o malogro da primeira tentativa, Tepeu e Gucumatz buscaram falar com os adivinhos Ixpiyacoc e Ixmucané, chamados por eles de avó do dia e avó da alvorada.

A segunda tentativa teve como matéria-prima a madeira. Aqueles bonecos de madeira se pareciam com o homem, falavam como homem, tiveram filhos e filhas e povoaram a terra. Mas não tinham alma, não tinham sangue, seus pés e mãos não tinham consistência. Com o passar do tempo, deixaram de pensar no Criador e de louvá-lo. Por causa disso, o coração do Céu produziu um grande dilúvio. Os homens de madeira tentavam subir sobre as casas e as casas ruíam; tentavam subir nas árvores e as árvores os derrubavam; tentavam entrar nas cavernas e elas os recusavam. Assim pereceram. Mas deixaram descendência, os macacos, sendo esta a razão de os macacos se parecerem com o homem.

A terceira e última tentativa foi justamente a do homem feito de milho, conforme narrado no capítulo acima. Criaram quatro homens: *Balam-Quitze* (Bruxo do Envoltório), *Balam-Acab* (Bruxo Noturno), *Mahucutah* e *Iqui-Balam* (Bruxo Lunar), cujas trajetórias serão retomadas na quarta parte do livro. Visando à procriação, os Progenitores lhes fizeram quatro mulheres, que lhes chegaram durante o sono. Quando despertaram, ali estavam suas formosas esposas: *Cahá-Paluna*, mulher de Balam-

Faltava pouco para o sol, a lua e as estrelas aparecerem sobre os Criadores e Formadores.

De Paxil, de Cayalá, assim chamados, vieram as espigas [de milho] amarelas e as espigas [de milho] brancas.

Estes são os nomes dos animais que trouxeram a comida: Yac [o gato de monte], Utiú [o coiote], Quel [um periquito vulgarmente chamado *chocoyo*] e Hoh [o corvo]. Estes quatro animais lhes deram a notícia das espigas amarelas e das espigas brancas, disseram-lhes que foram a Paxil e lhes ensinaram o caminho de Paxil.

E assim encontraram a comida e esta foi a que entrou na carne do homem criado, do homem formado; este foi seu sangue, dela se fez o sangue do homem. Assim entrou o milho [na formação do homem] por obra dos Progenitores.

E desta maneira encheram-se de alegria porque tinham descoberto uma formosa terra, cheia de deleites, abundante em espigas amarelas e espigas brancas [...]. Abundância de saborosos alimentos havia naquele povoado chamado de Paxil e Cayalá.

Havia alimentos de todas as classes, alimentos pequenos e grandes, plantas pequenas e plantas grandes. Os animais mostraram o caminho. E moendo então as espigas [de milho] amarelas e as espigas [de milho] brancas, fez Ixmucané nove bebidas, e deste alimento provieram a força e a gordura, e com ele criaram os músculos e o vigor do homem. Isto fizeram os Progenitores Tepeu e Gucumatz, assim chamados.

Em seguida, começaram a falar sobre a criação e a formação de nossa primeira mãe e pai. De milho amarelo e de milho branco foi feita sua carne; da massa de milho foram feitos os braços e as pernas do homem. Unicamente massa de milho entrou na carne de nossos pais, quatro homens que foram criados. [Tradução nossa]

Quitzé; *Chomihá*, mulher de Balam-Acab; *Tzununihá*, de Mahucutah; *Caquixahá*, de Iqui-Balam. Estes seres constituíram famílias, se multiplicaram e povoaram a terra.

Tanto os fundamentos de fé quanto os mitos maias ora apresentados são pré-hispânicos, sem influência, cremos, dos fundamentos religiosos ou mitológicos europeus, apesar de algumas semelhanças. No entanto, os episódios do dilúvio e da criação do homem narrados no *Popol Vuh* nos remetem à *Bíblia*, ao livro de *Gênesis*.

Poderíamos pensar em coincidência, caso os episódios do dilúvio e da criação do homem não aparecessem em outras culturas. No entanto, eles também são narrados por outros povos, como os sumérios⁷ e os gregos⁸.

JOLLES (1976) apresenta uma explicação para tal ocorrência, ao estudar o mito em sua obra *Formas Simples*. O referido autor inicia seu trabalho com um exemplo extraído do *Gênesis*, que fala da criação do sol, da lua e das estrelas:

Então disse Deus: “Haja luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite. Sirvam eles de sinais para as estações, os dias e os anos. Sejam eles no firmamento dos céus os luzeiros que iluminem a terra”. E assim se fez. Fez, então, Deus os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior, para dominar o dia, e o luzeiro menor, para dominar a noite, e as estrelas. Deus os colocou no firmamento dos céus para iluminar a terra, para que presidissem ao dia e à noite e para que separassem a luz das trevas. E viu Deus que assim era bom (*op. cit.*, p. 87).

⁷ Para os sumérios, os primeiros momentos da criação assim aconteceram: “Depois que Anu, Enlil, Enki e Ninhursag / haviam modelado (o povo) cabeça-negra / a vegetação exuberou da terra, / animais, (criaturas) quadrúpedes da planície, foram habilmente criados”. Quanto ao dilúvio, narram: “Todas as tempestades de vento, extremamente poderosas, atacaram como se fossem [...]. / Depois que, por sete dias (e) sete noites / a enchente havia varrido por sobre a terra / (e) o enorme barco havia sido jogado em todas as direções pelas tempestades de vento nas grandes águas, / Utu surgiu, vertendo luz no Céu (e) na Terra. / Ziusudra abriu uma janela do enorme barco, / o herói Utu trouxe seus raios para dentro do gigantesco barco. / Ziusudra, o rei, / prostrou-se ante Utu [...]. / Então, Ziusudra, o rei, / [é] o preservador do nome da vegetação (e) da semente da humanidade”. In: PINSKY, 2006, pp. 43-45.

⁸ Relembremos como os gregos narravam os primórdios da Humanidade e o dilúvio: Nos primeiros tempos, os homens viviam como deuses, livres de cuidado, de doenças, de fadigas. Próximo ao monte Parnaso viviam Deucalião e Pirra, humildes trabalhadores, submissos aos deuses. Os homens desagradaram demasiadamente aos deuses, pela quantidade de crimes cometidos. Por esse motivo, Zeus decide exterminar a humanidade com um dilúvio. Sabendo dessas intenções, Prometeu avisa a Deucalião e o ensina a fabricar uma arca de madeira, para nela embarcar com sua mulher, levando mantimentos. A chuva cai sem cessar. Os rios transbordam. O mar cresce e avança. A arca navega ao sabor das ondas. Após nove dias, o casal chega ao topo do monte Parnaso, único lugar seco, naquele gigantesco mar. Não havia mais nada sobre a Terra, a não ser aquele casal temente aos deuses. Zeus decide cessar o castigo. As chuvas param; a água diminui; a terra aparece. O casal vê as árvores desfolhadas, os rebanhos mortos, a humanidade perecida. Deucalião e Pirra não conseguiriam viver num mundo daqueles. Solicitam, então, aos deuses auxílio para repovoarem a Terra. Ao consultarem o oráculo, ouvem a seguinte resposta: “Lançai às costas os ossos de vossa Grande Mãe”. Meditando sobre essas palavras, compreendem: a Grande Mãe é a Terra, e seus ossos, as pedras. De imediato, começam a pegar pedras e a jogá-las para trás. As pedras vão-se transformando. As lançadas por Deucalião transformam-se em homens. As jogadas por Pirra, em mulheres. In: CIVITA (Editor), 1973, p.529.

Após transcrever este episódio, André Jolles comenta sobre a necessidade que tem o homem de compreender o universo, de querer entendê-lo como um todo, inclusive nos pormenores. O autor percebe no Gênesis o “eco de um diálogo”. Soa-lhe como resposta para alguma pergunta do tipo: “Que significam os luzeiros do dia e da noite?” “Quem os colocou onde estão?” “Como era o universo antes de ser iluminado pelos luzeiros?” Essas perguntas foram feitas ao universo pelo homem primitivo. JOLLES (*op. cit.*) complementa: “Quando o universo se cria assim para o homem, por pergunta e resposta, tem lugar a Forma a que chamamos Mito”. Nesse caso, o homem primitivo inicialmente observou os fenômenos da Natureza. Buscando entendê-los, encontrou uma explicação para tais fenômenos.

O posicionamento de Jolles talvez explique o fato de no *Popol Vuh* ser o milho a matéria-prima usada na criação do homem. O milho foi na comunidade maia um dos alimentos mais importantes, conforme atesta GENDROP (2005, p. 11):

Das minúsculas espigas de milhos de 3 a 5 cm de comprimento, que outrora bastava mastigar quando ainda tenras, passou-se gradualmente, por enxerto, seleção etc., às espécies maiores e mais bem adaptadas, das quais se extrai, depois do cozimento e por meio de pedras de moer, uma pasta extremamente nutritiva.

No entanto, isso não explica tantas culturas citarem uma destruição da humanidade por dilúvio universal. É como se esse fato, ocorrido em algum momento de nossa cadeia evolutiva, tenha ficado *cristalizado* na *mentalidade* humana. Parece *resíduo* de uma época mais remota, a qual não podemos precisar⁹.

O que podemos afirmar é que o *Popol Vuh* é a obra de maior importância da literatura maia e uma das mais significativas da literatura pré-colombiana. Corroboramos a opinião de BELLINI (*op. cit.*, 45), quando afirma: “El *Popol Vuh* sigue siendo el libro más grandioso del mundo centroamericano, el más válido incluso desde el punto de vista artístico, por la especial atmósfera poética que informa tantas de sus páginas.”¹⁰

⁹ Utilizamos aqui os conceitos operativos da *Teoria da Residualidade*, método investigativo desenvolvido por Roberto Pontes. O *resíduo* corresponde a certas *formações mentais, cristalizadas* num período de “longa duração”. É o que permanece de uma época para outra, podendo aparecer em diferentes culturas, devido ao fenômeno da *hibridação cultural*.

¹⁰ O *Popol Vuh* continua sendo o mais grandioso livro do mundo centro-americano, o mais válido inclusive do ponto de vista artístico, pela especial atmosfera poética que informa tantas de suas páginas. [Tradução nossa].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- POPOL VUH. Las antiguas historias del Quiché.* Trad.del texto original con introd. y notas de RECINOS, Adrián. 32ª reimpr. de la 2ª ed. (1960). Colección Popular. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- POPOL VUH o Libro del Consejo de los Indios Quichés.* Versión francesa: RAYNAUD, Georges. Trads.: ASTURIAS, Miguel Ángel & GONZÁLEZ DE MENDONZA, J. M. 6ª ed. Buenos Aires: Losada, 1977.
- BELLINI, Giuseppe. *Nueva historia de la literatura hispanoamericana.* Madrid: Editorial Castalia, 1997.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira.* 13ª ed. revista. Rio de Janeiro: F. BRIGUIET & CIA, 1968.
- CIVITA, Victor (editor). *Mitologia.* Vol.II. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- GENDROP, Paul. *A civilização maia.* Trad.: Maria Julia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- JOLLES, André. *Formas Simples.* Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- PINSKY, Jaime (seleção, organização e introdução). *100 Textos da História Antiga.* São Paulo: Contexto, 2006.

Sítios das imagens (Acesso: 26/03/2008):

- <http://www.famsi.org/research/graz/dresdensis/index.html>
- <http://www.famsi.org/research/graz/madrid/index.html>
- <http://www.famsi.org/research/graz/paris/index.html>